



A PAISAGEM URBANA COMO CENÁRIO DE UMA CULTURA: ALGUMAS OBSERVAÇÕES A PROPÓSITO DO CANADÁ

■ PAULO CESAR DA COSTA GOMES - DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA/ UFRJ

RESUMO

NO PRESENTE ARTIGO, SUGERIMOS RELATIVIZAR A IDÉIA DE QUE A PAISAGEM CONSTITUI-SE EM UM REFLEXO DIRETO DA CULTURA. EM ALGUNS CASOS A PAISAGEM É PRODUZIDA COMO UMA IMAGEM VOLUNTÁRIA E EDITADA, EXPRESSANDO CERTOS VALORES E SIGNIFICAÇÕES PREVIAMENTE DELIMITADOS. DUAS PEQUENAS CIDADES DA PROVÍNCIA DE ONTÁRIO, CANADÁ – SAINTE CÉCILIE-DE-MASHAM E SHAWVILLE –, TÊM SUAS PAISAGENS EXAGERADAS PARA FUNCIONAREM COMO PEÇAS DE CONVICÇÃO DO DISCURSO QUE VISA DEMONSTRAR A DIFERENCIAÇÃO ÉTNICA DE SEUS HABITANTES.

PALAVRAS-CHAVE: PAISAGEM, CANADÁ, CENÁRIO

Não há mais dúvida hoje em dia de que o conceito de paisagem incorpora a dimensão da cultura ao espaço. Em outros termos, o conceito de paisagem é a maneira pela qual a Geografia atual valoriza e chama a atenção para a fundamental tarefa de perceber e decifrar as formas espaciais, através das quais os valores, as crenças, os códigos de conduta etc. se inscrevem nos espaços. Dessa maneira, já foi dito em diversas ocasiões que o conceito de paisagem é um eficiente instrumento para conhecermos a forma pela qual uma população se significa, se projeta (sobre o plano do espaço) e se utiliza dessas formas físicas como elementos para a comunicação. Nesse sentido, a paisagem é uma espécie de espelho, de reflexo, resultado da ordem cultural materializada no espaço.

Em um texto de Meinig recentemente traduzido¹, esse sentido da paisagem como o reflexo da cultura

é mais uma vez reafirmado. Segundo a perspectiva do citado artigo, podemos perceber a paisagem, pelo menos, segundo dez diferentes possibilidades, como: natureza, habitat, artefato, sistema, problema, riqueza, ideologia, história, lugar e estética. Todas elas são concebidas como exercícios da observação, aparecem aos nossos olhos como modulações possíveis à compreensão de um espaço. Gostaríamos aqui de valorizar uma dessas modulações, aquela que consideramos como central no conceito mesmo de paisagem, a dimensão estética.

Queremos, em primeiro lugar, discutir essa centralidade, trazer elementos que possam justificá-la como fundamento do próprio conceito. Em segundo lugar, gostaríamos de introduzir uma nova discussão que é a possibilidade da paisagem não ser vista como um elemento passivo, paciente de nossas interpretações, mas sim de agir como um eficiente

agente sobre nossa percepção. Em outros termos, a significação que "lemos" nos aspectos de uma paisagem pode ser, algumas vezes, por assim dizer, voluntária, ou seja, esses aspectos querem deliberadamente dizer uma coisa precisa. A paisagem, assim, objetiva nossos sentidos, ela não age como um simples objeto que se oferece ao nosso olhar e à nossa compreensão; pela forma das combinações que processa, pelos ângulos que privilegia, pela sensibilidade que organiza, ela funciona como uma espécie de "vitrine" de uma localidade e, portanto, de sua população. Nesse sentido as paisagens são como sujeitos, pretendem ser as consciências "oficiais" de um lugar, são *mise-en-scène* de uma vivência espacial e é isso que elas podem nos comunicar através da sensibilidade estética.

As paisagens canadenses, especialmente aquelas localizadas no atual Quebec, exerceram uma estranha fascinação entre os geógrafos franceses e isto desde muito cedo². É certo que o fato de haver uma área dentro do continente americano onde o idioma francês foi mantido, a despeito da perda do poder político da comunidade de língua francesa, pode ter sido um dos maiores fatores dessa sedução. Mais do que isso, no entanto, parece ter sido o fato de a Geografia ter, durante o final do século XIX e até meados do século XX, uma forte representação dos membros oriundos da academia francesa, o que certamente foi decisivo na escolha das paisagens canadenses como um objeto privilegiado de estudo.

Como expressou muito bem Pierre Deffontaines, a Geografia oferecia enormes possibilidades de "sedução" na compreensão das paisagens. Ele dizia a este propósito: "Eu continuei a usar meu sistema que consistia em utilizar a Geografia como elemento de propaganda ao mesmo tempo francesa e

geográfica. Eu fui um semeador de geografia, particularmente de geografia humana"³. Dentro dessa verdadeira cruzada que procurava afirmar a importância da geografia humana francesa, um dos elementos mais valorizados era o formato dos estudos produzidos, o método. O Canadá, sobretudo a parte sob influência francesa, se encontrava assim duplamente valorizado. Além de ser um terreno muito fértil para a disseminação dessa "propaganda" francesa, pelas leituras do passado carregadas pelas tintas que opunham ingleses a franceses, foi também um terreno muito propício à aplicação, fora da Europa, do chamado método regional. Afinal, esse método regional, que procurava demonstrar a importância da interpretação e elevava à posição central a combinação dos elementos ambientais locais com as formas da cultura, encontrou nessa área do Canadá todos os elementos passíveis de reafirmá-lo.

Tratava-se assim, em primeiro lugar de mostrar como o método regional, tão desenvolvido e apropriado à Europa, poderia ser "exportado" a novas áreas. Em segundo lugar, tratava-se também e sobretudo de comprovar como culturas diferentes, no caso aquelas de origem francesa, organizavam seus respectivos espaços produzindo formas fundamentalmente diferentes daquelas originárias de outras comunidades culturais. Na maior parte dos casos, essas outras culturas foram vistas pelos geógrafos franceses como anglo-saxônicas, ainda que fossem em alguns casos migrantes vindos de variadas áreas do mundo. O que parecia dominar como interesse central desses trabalhos era denotar a distinção na forma de organização do espaço dessas áreas sob dominação da cultura francesa face à indistinção de um mundo cada vez mais dominado

pela cultura globalizada de matriz anglo-saxônica⁴. Assim, as paisagens francofônicas do Quebec e de Ontário denotavam resistência e diferença de valores.

O curioso nessa relação é que esse "esquema" funcionou, às vezes, para os geógrafos franceses, como uma verdadeira armadilha, pois significava glorificar ou pelo menos fechar os olhos aos valores que, muitas vezes, eles próprios combatiam na França. O catolicismo fervoroso, a importância das ordens religiosas na educação, a ruralidade, o conservadorismo das condutas éticas e morais, foram algumas vezes poupados de serem muito comentados por alguns geógrafos franceses, como Elisée Reclus ou Raoul de Blanchard, que tinham posições bastante avançadas na França daquela época. Em outros casos, esses valores foram vistos como os verdadeiros baluartes que animavam a coragem de um povo na conquista de novos espaços, como para Pierre Deffontaines, que dividia com a comunidade francesa do Canadá um catolicismo fervoroso.

De qualquer forma, o tratamento da paisagem nessas áreas de contato muito próximo entre cultura francesa e anglo-saxônica parece ser um excelente exemplo para os estreitos propósitos enunciados antes, ou seja, demonstrar como uma paisagem pode ser uma composição voluntária, uma fábrica de imagens.

O DRAMA DAS IMAGENS _____

Raoul de Blanchard evocou diversas vezes um "drama das raças" como imagem da luta entre as comunidades francesas e inglesas nas disputas pela colonização das terras canadenses. Pensando esse vocábulo, *drama*, como uma composição teatral onde o enredo vai se construindo através do diálogo, tomando cores tanto cômicas quanto trágicas, mas sempre em um jogo de proposições colocadas no

face a face, parece-nos que a expressão pode ser a mais adequada para descrever uma pequena experiência vivida nessas terras canadenses.

Tendo recebido uma bolsa do governo canadense para desenvolver um projeto de pesquisa, tive a oportunidade de efetuar estadias relativamente longas nesse país. O projeto de pesquisa originalmente investigava as possíveis relações entre comunidades territoriais e democracia, tema que devia ser tratado à luz dos problemas trazidos pela proposta soberanista de parte da população francófona do Quebec. Muito rapidamente, entretanto, minha curiosidade foi despertada por uma certa dualidade, muito nítida, na construção das paisagens na área do Quebec e em parte da província de Ontário. Essa dualidade foi genuinamente produto da observação da geometria, da estética e do modo de vida das populações nos diferentes povoados que íamos atravessando. Porém, a medida que eu avançava e que ia me familiarizando com os diferentes signos de identificação, assim como me eram descritos pelas pessoas, mais me parecia que esses signos haviam sido "exagerados", ou melhor, esquematizados para demonstrar com mais ênfase ou mais clareza a identidade desses lugares. Assim dentro de um universo de coisas muito parecidas, materiais de construção, objetos de consumo, hábitos comuns, tipo físico da população etc. o ordenamento das coisas era organizado de tal forma que parecia que estávamos diante de mundos perfeitamente paralelos. Para cada característica fortemente marcada em uma comunidade, havia sempre uma outra forma concorrente da outra comunidade, igualmente fortemente denotada, que gerava assim uma leitura inconfundível desse universo dual. Talvez tudo isso fique mais claro a partir das descrições de duas pequenas cidades.

Antes de iniciar essa descrição, me é necessário acrescentar que essas observações foram feitas tendo como base as cidades de Sainte Cécile-de-Masham e Shawville, ao sul da Província, na área conhecida como o "Outaouais" (do nome do rio, Outaouais ou Ottawa). A primeira tem como população quase exclusiva francófonos e a segunda conta majoritariamente com pessoas que têm como língua materna o inglês. Essas duas cidades distam aproximadamente 20 km uma da outra e são organizadas espacialmente como inúmeras outras dessa mesma região. Assim, ainda que as características aqui descritas sejam fruto de observações localizadas nessas cidades, bem poderiam ser as mesmas reconhecidas em qualquer outra cidade dessa mesma área, que tem como característica fundamental alternar no espaço populações francófonas e anglófonas, em uma espécie de "tabuleiro de xadrez" étnico.

Escolhemos cinco principais aspectos para descrever esse sistema étnico-urbano. Haveria outros certamente, mas esses nos pareceram talvez os mais imediatamente visíveis.

A FORMA DO POVOAMENTO _____

Na cidade de origem inglesa o povoamento é nucleado, há uma centralidade nodal exercida pelos edifícios relacionados ao poder civil (City Hall) e, a partir desse centro, ruas, geometricamente dispostas em ângulo reto, se afastam, formando um desenho em forma de traçado ortogonal. A densidade da ocupação dos lotes diminui na proporção exata da distância em relação ao centro. Assim que a densidade da ocupação torna-se significativamente menor, as calçadas são substituídas por passagens que dão diretamente

sobre os jardins das casas. Quanto mais distantes do centro, mais as casas tendem a se afastar das ruas. Outro elemento importante são as fachadas principais, muitas vezes laterais, ou seja, as portas não são diretamente voltadas para as ruas. Essa proporção do afastamento das casas culmina nas áreas rurais em que as casas ficam tão afastadas dos caminhos que muitas vezes não as vemos em meio à vegetação. Nos povoados, por vezes não há divisões físicas entre os lotes, e o conjunto da vegetação forma grandes jardins, se assemelhando assim às áreas rurais.

Na cidade de origem francesa, a distribuição das casas se faz ao longo de uma grande via, no caminho que dá acesso ao povoado. Há poucas ruas secundárias e o vilarejo se desenvolve quase que exclusivamente no sentido linear. O centro é marcado por uma praça, quase sempre única, também ela aberta sobre o caminho e fechada ao fundo pela presença da igreja. Essas igrejas, sempre católicas, são imponentes e, por vezes, desproporcionadas em relação aos povoados. Elas são também, em geral, o único templo dentro da cidade.

As casas ocupam sempre as testadas dos lotes. Elas dão diretamente para a rua e estão sempre muito próximas a ela. Os lotes são muito compridos e as casas ocupam quase toda a largura deles. Forma-se assim uma continuidade na urbanização pelo alinhamento das casas. Esse tipo de desenho já foi muitas vezes explicado na bibliografia geográfica como originário do sistema do "rang", lotes estreitos e compridos que davam acesso aos rios e às estradas, facilitando a comunicação e fornecendo um acesso aos recursos e ao transporte igual para todos.⁵

De fato, a diferenciação entre povoados lineares, que seguem o traçado de um rio ou de uma via de comunicação, e aqueles organizados como

nucleamentos em torno de pontos centrais, foi um dos temas fortes da geografia humana do começo do Século XX. A descrição desses tipos de povoamento se encontra em Jean Brunhes, em Demangeon ou em Pierre Deffontaines, para citar apenas esses. A curiosidade maior no Canadá é o fato dessa tipologia estar associada à uma diferenciação étnico-cultural e, portanto, em certa medida, a uma valorização diferenciadora.

O MODELO DAS CASAS _____

Há uma grande estabilidade do modelo das casas segundo a comunidade étnica que as construiu. As casas de origem inglesa apresentam quase sempre como material de construção predominante tijolos vermelhos. Na fachada é muito comum um pequeno alpendre na entrada e todo o madeirame dos acabamentos é pintado de branco.

Já nas casas de origem francesa o material predominante é a madeira, disposta em tábuas horizontais, parcialmente superpostas. Hoje em dia, o custo da madeira, o conforto térmico e a conservação têm sido responsáveis pela substituição da madeira por materiais sintéticos, mas a aparência externa é sempre a mesma. As cores das casas são em tons pastéis e o alpendre, nos modelos mais tradicionais, ocupa, senão toda a volta da casa, pelo menos a extensão de toda a fachada principal.

São também notáveis os recursos decorativos utilizados na diferenciação dessas populações, vidros jateados com areia, pequenas esculturas nos jardins, portas decorativas etc. No entanto, esse universo parece ser muito mais complexo para análise, uma vez que mistura também referências às classes sociais. Tanto quanto me foi possível entender, a população de origem francesa, que teve sua renda e participação

aumentadas a partir da "revolução tranqüila" dos anos 70, parece ser bem mais sensível a um decorativismo do tipo "maneirista" e me foi sugerido que, através desse tipo de elemento, são feitas leituras e associações relativas à escala social dos moradores no interior da própria comunidade étnica.

Assim, pela composição, pela densidade, mas também pelas cores, o casario dessas pequenas cidades criam impressões individualizadoras segundo esses modelos, ou seja, é toda uma impressão de diferença que é ressaltada.

A VEGETAÇÃO NAS CASAS E NOS ESPAÇOS PÚBLICOS ____

Os modelos predominantes na Europa dos jardins à inglesa e dos jardins à francesa são perfeitamente reproduzidos nessa área do Canadá. Assim, a grande quantidade de árvores, a imitação da natureza selvagem e a grande proporção de gramados são características dos jardins concebidos pela comunidade anglofônica. Já entre os francófonos, os jardins são organizados em planos geométricos, com arbustos aparados, pequenos canteiros de flores e poucas áreas gramadas.

Nas casas uma organização análoga é mantida. Casas com grandes terrenos gramados e com árvores espalhadas são correlacionadas à população anglo-saxônica. Para os francófonos, o espaço dedicado propriamente ao jardim é pequeno, uma vez que as casas mantêm um pequeno afastamento em relação à rua. Nessa área são cultivados pequenos canteiros com flores, em geral, muito bem arranjadas, dentro de pequenos limites definidos pelo calçamento.

A explicação local para essa diferença faz apelo menos à tradição trazida da Europa e muito mais ao universo cultural dos colonos europeus na América. Assim, os franceses, que eram tradicionais

lenhadores, construíram um imaginário da civilização e da vida urbana no qual a vegetação deve ter um papel limitado e procuram enfaticamente demonstrar que há um controle do homem sobre a natureza, seja na geometrização dos jardins, no aparado dos arbustos ou nos estritos limites dos canteiros de flores. Quanto aos ingleses, oriundos muitas vezes de universos urbanos, valorizam e mitificam a vida selvagem e a idéia de uma convivência pacífica com a natureza, daí a grande valorização da presença da vegetação e a insistência nessa estética que busca o mimetismo dos jardins com os bosques primários das florestas mistas temperadas.

OS EQUIPAMENTOS URBANOS _____

Há nesses pequenos vilarejos estabelecimentos comerciais que, embora vendam mercadorias iguais ou pelo menos similares, se apresentam de formas sugestivamente diferentes. Na comunidade francesa há sempre cafés e padarias. O ambiente no interior desses estabelecimentos é francamente copiado do modelo europeu, elementos componentes e de decoração. Já nas cidades anglofônicas, os bares e as lanchonetes são muito semelhantes a todos aqueles que encontramos nos EUA ou no resto do Canadá: grandes balcões, televisão, em geral com programas esportivos, mesas e cadeiras fixas dispostas geometricamente etc.

Além da diferença na aparência de algumas casas comerciais, as cidades de população anglofônica se diferenciam ainda das francofônicas por terem várias igrejas diferentes, anglicanas, batistas, etc. Nenhuma delas ocupa uma posição verdadeiramente central na cidade, estão sempre espalhadas e algumas podem se localizar próximas aos limites da malha urbanizada, o que indica a sua relativamente tardia

instalação na cidade. Outra diferença é a centralidade e muitas vezes grandiosidade das escolas secundárias dentro da cidade, isto, no entanto, pode estar essencialmente relacionado à instrução quase exclusivamente religiosa que era característica das comunidades francesas antes das grandes reformas sociais.

A NOMENCLATURA _____

Como é possível se esperar nessa situação, uma grande importância é dada à escolha da língua na comunicação. Depois de algum tempo vivendo nessa área, já é possível identificar os signos que se fazem mais visíveis e freqüentes para se dirigir às pessoas sem muitos equívocos na escolha do inglês ou do francês. Sobretudo talvez porque aqueles que mais facilmente deixam perceber sua origem são exatamente os mesmos que mais valorizam os termos dessa escolha. Em relação ao espaço, o fato da nomenclatura urbana estar em inglês ou em francês já é uma boa indicação, mas pode não ser suficiente. Além de perceber se a rua se chama em primeiro lugar de "road" ou "chemin", é preciso ficar atento aos nomes delas, pois podem ser indicativos de mudanças, de pequenos anglicismos nas mudanças dos nomes (forçados, dirão os canadenses franceses), ou de pequenos galicismos, por parte de elementos estrangeiros desejosos de serem mais facilmente absorvidos. Entretanto, tudo isso pode não ser suficiente e o mais seguro é mesmo olhar os nomes inscritos nas caixas dos correios situadas à frente das casas.

Podemos por esse processo fazer descobertas surpreendentes. Casas facilmente identificadas como "à inglesa" podem e são, muitas vezes, ocupadas por famílias de nome francês e vice-versa. Povoados com

nomenclatura francesa podem ter uma população inteiramente anglofônica ou em um conjunto de "roads" podemos só encontrar francófonos.

ATRÁS DAS PAISAGENS _____

A nomenclatura é apenas um indício, muitas vezes, apenas uma aparência. Não seria ela, no entanto, um dos maiores indicadores de que ao nos basearmos, sem hesitações, nesses indícios anteriormente assinalados poderíamos estar seguindo pistas falsas? Talvez não totalmente falsas, mas estaríamos apenas seguindo indicações interpretativas, tão bem relacionadas a uma situação que se deseja mostrar, que se impõem então como o único acesso possível para compreender essa sociedade. Por isso, as imagens se apresentam tão bem contrapostas, tão marcadas pela oposição, enquanto tudo aquilo que poderia uni-las desaparece do nosso campo visual interpretativo. As paisagens dessa forma aprisionam um significado e querem ser um agente ativo na veiculação de um sentido. A paisagem nessa formulação é uma imagem voluntariamente produzida e editada, ela é o resultado de um "pastiche" cultural, ou seja, de uma empobrecedora apresentação da cultura local, escondendo muito mais do que revelando.

Dentro dessa perspectiva e libertados das caricaturas, podemos observar que as casas dessa área consideradas em seu conjunto são, em certo sentido, muito parecidas. Quase todas, independente das comunidades de origem, apresentam freqüentemente uma fachada de dois andares, composta de uma porta ao centro e duas janelas, dispostas de forma simétrica no pavimento de baixo e três janelas no de cima. As plantas dessas casas são quase sempre muito parecidas, com distribuição

dos cômodos similar e interiores arrumados de forma pouco segmentada pela comunidade lingüística de origem. Mesmo as casas mais comuns e menos "monumentais" das cidades anglofônicas se assemelham àquelas identificadas como de origem francesa. De certa forma, tudo se passa como se o importante fosse fazer a diferenciação daquilo que se vê, das fachadas, no restante a indistinção pode se instalar sem incômodo.

Outro dado não menos significativo é a relativa prisão que esses modelos constituem nessa área onde o contato interétnico é maior, ou pelo menos onde essas comunidades parecem estas definitivamente condenadas ao face a face. A despeito da fartura e das condições de vida relativamente elevadas, a despeito da posição social às vezes confortável dos donos dos terrenos e das casas, muito pouco é produzido que desafie os modelos. Aliás, parece existir atualmente uma tendência de muitos casais de origem urbana que se especializam em comprar e recuperar velhas casas peri-urbanas, "emblemáticas" desses padrões anteriormente descritos.

Interessante foi perceber que, próximo à cidade de Quebec, uma área sob indubitável controle da comunidade de cultura francofônica, os modelos das casas se flexibilizam. Suas cores, suas implantações em relação aos lotes também não reproduzem aqueles padrões. Até os jardins parecem não obedecer mais aqueles preceitos quase rígidos das pequenas localidades do Outawais. Libertadas do espírito de luta e de enfrentamento, elas podem assumir outras formas, diferentes daquelas formas "militantes" que põem em cena a combatividade de uma cultura.

De fato, quando nos desvencilhamos dos óculos caricaturais da dupla cultura, podemos muito mais facilmente perceber outras marcas das paisagens e

outros conflitos. Parece, por exemplo, que um signo muito mais importante foi criado pela posição relativa ao último referendo que associa a bandeira nacional às posições federativas contrárias à separação do Quebec. Assim, é muito curioso perceber a enorme quantidade de pequenas bandeiras que tremulam nas áreas, às vezes muito longínquas, ou nas casas de uma pequena cidade. São símbolos que indicam claramente que o voto daquela casa, independente da língua materna, foi contra a separação. Percebemos também que essas bandeiras não obedecem ao padrão anteriormente descrito como identificador de paisagens culturais étnicas, mas sem dúvida a presença ou ausência desse símbolo denota um verdadeiro e atuante conflito que separa a sociedade canadense na atualidade.

Para concluir, o que percebemos é a forte *mise-en-scène* de uma diferença, prestamos atenção ao que é distinto, pois é isso que o grupo quer significar. O espaço se transforma no espelho de uma "cultura", mas esse reflexo se assemelha mais a um cenário, quando nos permitimos olhar por trás das fachadas. São pessoas que compartilham de muitos valores, de muitas crenças e de uma mesma moral. Atrás das fachadas, comem as mesmas coisas; consomem os mesmos produtos; valorizam os mesmos artigos e mercadorias; assistem, lêem e produzem as mesmas idéias; possuem um mesmo gênero de vida – nesse sentido, compartilham de uma mesma cultura.

NOTAS

- ¹ Meinig, Donald W. "O olho que observa: dez versões da mesma cena" in *Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, n. 13, pp. 35-46, jan.-jun. de 2002 (publicado originalmente em 1976).
- ² Entre os mais importantes geógrafos franceses que passaram pelo Québec estão Elisée Reclus, seu irmão Onésime Reclus, Jean Brunhes, Jean Gottmann,

Pierre Deffontaines, Raoul de Blanchard, André Siegfried e Michel Philipponneau.

- ³ Deffontaines, Pierre. *Autobiographie*, s.d. (acervo particular), possivelmente escrito entre os anos de 1974 e 1975. Citado por Tétard, Françoise. "Pierre Deffontaines entre conversation et paysages" in Augustin, Jean-Pierre e Berdoulay, Vincent. *Modernité et tradition au Canada*, L'Harmattan, Paris, 1997.
- ⁴ Raoul de Blanchard, criticou várias vezes os aspectos norte-americanos das grandes cidades canadenses, sobretudo de Montreal, com suas ruas de cruzamentos ortogonais e seus grandes edifícios. Ele acreditava, no entanto, que, por trás dessas aparências homogêneas, as populações de origem francesa continuavam, em grande parte, a ter um gênero de vida diferente daquele imposto pela cultura anglo-saxônica dominante. Assim, a propósito da população do Québec, ainda que recoberta "por um verniz americano, os canadenses permanecem como uma raça francesa". *Le Canada français, province de Quebec, étude géographique*, Montreal, Fayard, 1960, p. 301, citado por Berdoulay, Vincent "Raoul de Blanchard, observateur de la modernisation québécoise" in *Modernité et tradition au Canada*, op. cit.
- ⁵ Muitos geógrafos escreveram sobre o sistema de "rangs" no Canadá. Há, entre outras, uma boa síntese no artigo escrito por Deffontaines Pierre "Le rang, type de peuplement rural du Canada français" *Cahiers de Géographie*, Université de Laval, n.5, 1953, pp. 3-30. Não seria justo, no entanto, esquecer as descrições legadas por Raoul de Blanchard, o grande especialista do Canadá na França, sobretudo sua síntese apresentada em 1964 em *Le Canada français*, Paris PUF.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTIN, Jean-Pierre e SORBETS, Claude (dir.). *Sites publics, lieux communs. Aperçus sur l'aménagement de places et de parcs au Québec*. Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, Talence, 2000.
- AUGUSTIN, Jean-Pierre e BERDOULAY, Vincent (dir.). *Modernité et tradition au Canada*. L'Harmattan, Paris, 1997.
- BLANCHARD, Raoul de. *Le Canada français, province de Quebec, étude géographique*, Montreal, Fayard, 1960.
- . *Le Canada français*, Paris, PUF, 1964.
- DEFFONTAINES, Pierre. *Autobiographie*, s.d. (acervo particular).
- . "Le rang, type de peuplement rural du Canada français" *Cahiers de Géographie*, Université de Laval, n. 5, 1953, pp. 3-30.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. "A dimensão ontológica do território no debate da cidadania: o exemplo canadense". *Território*, n. 2, jan.-jun. 1997, pp. 43-62.

MEINIG, Donald W. "O olho que observa: dez versões da mesma cena" *Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, n. 13, pp. 35-46, jan-jun de 2002.

RECLUS, Elisée. *Nouvelle Géographie Universelle*, Paris, Hachette, 1890, t. XV.

RECLUS, Onésime. *La Terre à vol d'oiseau*, Paris, Hachette, 1886.

SARRAZIN, Hélène. *Elisée Reclus ou la passion du monde*. Paris : La Découverte, 1985.

ABSTRACT

THIS ARTICLE AIMS TO RELATIVIZE THE IDEA OF LANDSCAPE AS A DIRECT PRODUCT OF CULTURE. IN SOME CASES THE LANDSCAPE IS PRODUCED A VOLUNTARY IMAGE WITH THE INTENTION OF REVEALING DIFFERENCES BETWEEN ETHNIC GROUPS. TWO SMALL CANADIAN TOWNS, SAINTE CÉCILIE-DE-MASHAM AND SHAWVILLE, ARE STUDIED SERVING AN EXAMPLES.

KEYWORDS: LANDSCAPE, CANADÁ, SCENE.